



HISTÓRIAS DE VIDA CRUZADAS NOS
BALNEÁRIOS DE LISBOA

Amélia Simões Figueiredo, Ana Mineiro
Teresa Vidal, Alexandre Castro Caldas

FOTOGRAFIAS DE
Rodrigo Rebello de Andrade

UCP
EDITORA

Licença: Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0



Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/04279/2020

Título Histórias de Vida Cruzadas nos Balneários de Lisboa

Autores Amélia Simões Figueiredo, Ana Mineiro, Teresa Vidal, Alexandre Castro Caldas

© Universidade Católica Editora

© Autores

Revisão editorial Patrícia Feio

Capa Magda Macieira Coelho

Fotografias Rodrigo Rebello de Andrade

Paginação Magda Macieira Coelho

Impressão e acabamento Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

Depósito legal 522453/23

Tiragem 300 exemplares

Data outubro 2023

ISBN 9789725409817

ISBN e-Book 9789725409824

Universidade Católica Editora,
Sociedade Unipessoal, Lda.
Palma de Cima 1649-023 Lisboa
Tel. (351) 217 214 020
uceditora@ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Amélia Simões Figueiredo, Ana Mineiro
Teresa Vidal, Alexandre Castro Caldas

HISTÓRIAS DE VIDA CRUZADAS NOS
BALNEÁRIOS DE LISBOA

FOTOGRAFIAS DE
Rodrigo Rebello de Andrade

UCP 
EDITORA

ÍNDICE

6

Agradecimentos

8

Nota de abertura

12

Notas introdutórias

15

**Os Balneários de Lisboa
através de uma breve história**

20

Retalhos de vida dos utilizadores

39

Os Balneários de Lisboa vistos em números

45

Notas conclusivas

50

Bibliografia

AGRADECIMENTOS

Este livro foi possível graças à participação dos autores num projeto de extensão universitária, possibilidade essa fomentada na Universidade Católica Portuguesa, nomeadamente no Instituto de Ciências da Saúde.

Agradecemos ainda à Junta de Freguesia de Alcântara, à Faculdade de Ciências da Saúde e da Enfermagem e à Reitoria da Universidade Católica Portuguesa.

NOTA DE ABERTURA

Histórias de vida cruzadas nos Balneários de Lisboa é um livro que é, ao mesmo tempo, uma inspiração e um ato de serviço à humanidade. Os autores do projeto, e dos textos que aqui nos deixam, participaram num programa de enorme importância que a Universidade Católica Portuguesa apoiou, consciente da responsabilidade que tem, como instituição católica de ensino superior, de promover ações que contribuam para combater as desigualdades e fomentar a vida digna.

As vidas que passam pelo Balneário de Alcântara são marcadas por uma vulnerabilidade, que é a um tempo existencial, e por isso nos interpela a todos, e contextual, fruto da contingência social e económica que transforma o próprio coletivo social em estado precário.

As histórias aqui contadas são testemunho da vulnerabilidade humana que se interliga num gesto dedicado com o cuidador responsável, que serve o outro, e que faz muitas vezes a ponte entre o mundo real dos utilizadores dos balneários e a vida sonhada, que alguns ainda têm esperança de conseguir alcançar.

Este livro tem uma mensagem que, no momento atual, não poderia ser mais necessária: estar perto dos mais frágeis, ser solidário perante a adversidade, defender, pelo exemplo, a dignidade de todos os seres humanos na sua riquíssima diversidade. É igualmente um testemunho da responsabilidade social da Universidade Católica Portuguesa e dos que nela trabalham, sobretudo na Faculdade de Ciências

da Saúde e da Enfermagem, tecendo a narrativa do cuidado na história frágil contada por estas personagens vulneráveis. Se todas as histórias têm heróis(oínas), esta é uma obra dedicada a eles(as), aos cuidadores e os que recebem cuidado, que se não vivem felizes para sempre, viverão certamente com maior humanidade.

Isabel Capelo Gil
Reitora da Universidade Católica Portuguesa



NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este livro é fruto de um projeto de extensão universitária denominado por “Public Bathhouse Nursing” que engloba três dimensões: o ensino, a prestação de cuidados com uma consulta de enfermagem e a investigação.

A prestação de cuidados numa consulta de enfermagem que foi implementada num balneário público da cidade de Lisboa, a partir de necessidades identificadas em estudos preliminares, revelou a vulnerabilidade das pessoas que recorrem aos balneários públicos.

Olhando para a vulnerabilidade no limite, relacionada com a doença e os comportamentos de risco identificados noutros estudos, surgiu a ideia de contar algumas histórias que contribuíssem para aprofundar e compreender contextos de vida singulares e, ao mesmo tempo, que promovessem a dignidade, o respeito, a compaixão e a responsabilidade pelo cuidado do outro.

Entre 2016 e 2020 e após as devidas autorizações, as autoras iniciaram a recolha das histórias de vários utentes que se cruzaram pelos balneários públicos de Lisboa, assim como a reportagem fotográfica. Sem identificar nem o balneário nem o utente e utilizando nomes fictícios, escreveram as suas histórias consentidas, onde se cruza a vulnerabilidade numa linguagem de esperança, mas também as expetativas de vida por vezes estilhadas.

Na sequência dos diagnósticos da situação de saúde dos utilizadores dos Balneários públicos de Alcântara, Arroios, Alfama e Mouraria, aprovados pela Comissão Ética para a Saúde da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (P. 042/CES/INV/2014, 4-4-2014, P. 063/CES/INV/2016 e P. 1907/CES//2021, respetivamente),

fizemos emergir de cada recurso camarário narrativas que compilam retalhos da vida daqueles utilizadores.

Estas histórias contadas em primeira mão e aqui recompostas revelam-nos alguns dos sonhos da malha humana que frequenta os balneários dando-nos um retrato social dos balneários e da sua importância na vida destas pessoas. Sem pretensões científicas este livro é um retrato aproximado, escrito por reconto e fotografado, da vida que acontece nos balneários da cidade de Lisboa, numa ótica de cidadania global.

Todo este projeto representa a parte da vertente de responsabilidade social da Universidade Católica Portuguesa, levando o conhecimento técnico-científico, cultivado no Instituto de Ciências da Saúde, à realidade social da Cidade de Lisboa. Deve ser ainda salientado que o programa incluiu a participação de estudantes que assim vão compreender melhor o mundo real em que o exercício futuro das suas profissões, no campo dos cuidados de saúde, os irá mergulhar. Ficarão decerto melhores pessoas e melhores profissionais.

**OS BALNEÁRIOS PÚBLICOS
DE LISBOA**
Através de uma breve história



RUA
PADRE ABRILIANO
BOTELHO

BALNEARIO

NGH2

O balneário público assumiu ao longo da história da humanidade significados e funcionalidades diferentes que se inscreveram na história civilizacional e na conceção cultural de cada canto do mundo.

A relação entre água e higiene nem sempre foi a relação bidirecional que imprimimos hoje à noção de balneário público.

Nos países árabes o banho foi sempre concebido como um prazer para além da higiene necessária e recomendada na religião. Os hammans serviam para que os muçulmanos tomassem banho, fizessem massagens, branqueassem os dentes e se depilassem. No antigo Egito os banhos públicos assumiam uma dimensão purificadora não só do corpo como da alma e os antigos egípcios de todas as classes sociais banhavam-se diariamente usando óleos e recorrendo a massagens (Silva Rebelo, 2013).

Na antiga Grécia, os banhos públicos localizados perto de ginásios eram utilizados tanto pelos atletas como pela restante população. Os gregos tomavam banho porque gostavam de ter uma vida saudável e porque os seus médicos louvavam esta prática aconselhando o uso de óleos na água (Silva Rebelo, 2013).

Ao contrário do resto das civilizações, no ocidente o banho não era uma prática comum sendo uma atividade repudiada e que acontecia poucas vezes por ano e com um simples balde de água.

Desde o século XIX que, em Portugal, existiram balneários públicos. Eram particularmente utilizados tendo em conta as propriedades medicinais e curativas das suas águas termais. As “Águas de Alfama” geograficamente localizadas no bairro de Alfama deram origem à

construção de quatro balneários públicos frequentados durante décadas. Também os Banhos de São Paulo, localizados perto da Igreja de São Paulo eram frequentados pelos seus utentes pelas características medicinais das suas águas termais (Ramalho, 2006).

Atualmente, existem dezoito balneários na cidade de Lisboa, com horários e *modus operandi* distintos. A maior parte deles tem uma utilização gratuita. Os balneários públicos de Lisboa são – Alcântara, Ajuda, Beato, Benfica, Campolide, Encarnação, Lapa, Lumiar, Pena, Santa Engrácia, Santos-O-Velho, Santo Estevão, São João, São Miguel, São Vicente de Fora, Sé, Socorro e Castelo. São geralmente geridos pela respetiva Junta de Freguesia. Em alguns balneários de Lisboa, pode-se lavar a roupa mediante o pagamento de um valor fixado pela junta para cada máquina de roupa.

É o caso do balneário do Castelo. Noutros casos, como no balneário de Alcântara, os funcionários para além da limpeza efetuam tarefas como o lavar e secar a roupa, assim como a sua colocação nas prateleiras, para nova distribuição aos utilizadores, bem como a limpeza e a manutenção de todo o seu espaço.

Relativamente à frequência e utilização das instalações dos balneários é muitas vezes disponibilizado, para além da água quente, produtos de higiene, como por exemplo sabonete e shampoo.

Os balneários são procurados não só para tomar um banho quente e mudar de roupa por uma população maioritariamente desfavorecida, por vezes idosa, ou que vive na rua sem paradeiro certo, não tem água em casa ou que a tendo tem medo de tomar banho em casa e subir para a banheira. Na população idosa para além do banho também é procurado algum convívio ainda que não haja muitas vezes nem o espaço físico nem o pessoal qualificado para tornar o balneário num espaço de convívio, existindo normas de conduta específicas (Silva Rebelo, 2013).

Os balneários públicos de Lisboa assumem assim um papel socialmente relevante permitindo a uma população fragilizada ter

condições de higiene fundamentais à vida em sociedade e à saúde. O balneário público representa para muitos o último reduto para a satisfação de uma necessidade básica: poder apenas lavar-se, tomar um banho – quando todas as outras portas já se fecharam (Seabra et al. 2017).

Segue-se um retrato mais preciso das histórias de vida dos utentes que se cruzaram nos vários balneários lisboetas nos últimos quatro anos. As mesmas vão-nos revelando os sonhos e as expetativas defraudadas dos seus utentes, a sua posição no tecido social lisboeta e no mundo em geral.

RETALHOS DE VIDA DOS UTILIZADORES

Seguem-se retalhos de histórias de vida de pessoas que frequentaram e provavelmente ainda frequentam os balneários públicos. Pelas suas histórias somos conduzidos às suas vidas, aos seus problemas e desafios, à luz e à escuridão que envolve estas vidas.



Cristina está grávida de 4 meses. Apareceu timidamente na consulta de enfermagem porque tem umas borbulhinhas na barriga e estava preocupada. É alta magra e encontra-se vestida com umas jardineiras e uma camisa lavada. Calça uns ténis muito velhos ainda que bastante limpos. Consentiu em que se contasse a sua história, mas não revelou o seu nome nem a idade. Dorme há mais de um ano na gare do oriente com o namorado que tem aproximadamente a mesma idade. As noites são cansativas porque a polícia não os deixa descansar, obrigando-os a estar sentados. Como está grávida e está muito cansada as noites são mais difíceis. Já tem uma filha com 6 anos. Está feliz com esta gravidez e afirma com muita segurança que esta filha ninguém lha tira. Na verdade, a sua outra filha ficou entregue numa instituição por falta de condições da mãe. É com muita mágoa e lágrimas nos olhos que refere terem-lhe tirado a primogénita. Espera um dia ter um emprego e poder ir buscá-la. Tem uma história de toxicod dependência larga, mas diz que já abandonou as drogas há meses pois quer que esta menina venha bem.

Lahar nasceu na Índia. Tem dois filhos e é casado. Diz ter 45 anos, aparentando mais e vive na rua em Lisboa. Costuma dormir no metro do Marquês de Pombal e vai à igreja receber uma refeição diária. Chegou a Lisboa cheio de ilusões. O patrão indiano prometeu-lhe trabalho e vencimento na construção civil, mas pouco depois de ter começado a trabalhar nas obras deixou de lhe pagar o ordenado e seguiu para outras paragens, deixando-o à sua sorte. Lahar ficou sem nada, sem a possibilidade de voltar para a Índia pois não consegue

pagar o seu bilhete, sem trabalho e sem lugar para dormir e sem dinheiro para comer.

De vez em quando faz umas limpezas e por 7 horas de trabalho pagam-lhe 20 euros o que lhe vai dando para matar a fome e a tristeza. No seu olhar vemos a resignação. Quando nos conta a sua situação atual, o seu tom de voz mostra-nos o sonho despedaçado. No meio do seu discurso, num português razoavelmente fluente nota-se a vergonha de ter vindo à procura de um mundo melhor e não o ter encontrado. No balneário apareceu com feridas na cara e quando lhe perguntamos disse-nos que eram fruto de uma alergia pois dorme no chão, no metro, em cima de cartões que vai pedindo nas mercearias. Quando pode bebe álcool, às vezes em excesso, reconhece. Mas nega consumir qualquer droga.

Sara tem 36 anos. Atualmente é sem abrigo e quando tem uns trocos das esmolas vai dormindo aqui e ali em pensões “baratinhas” como ela diz. Assegura que não rouba nem quer voltar a essa vida. Atualmente está desempregada e à espera do rendimento social mínimo. Tem HIV desde 2007 e trata-se no hospital dos capuchos. Vem ao balneário todos os dias, gosta de estar limpa, diz que o banho lhe lava a alma. Não tem filhos e estudou até ao 12º ano. É filha de um toxicod dependente que morreu há uns anos e nota-se no tremor da sua voz e na sua linguagem a grande mágoa que tem relativamente ao seu pai porque lhe dava uma prata para ela se drogar. Droga-se desde os 12 anos e aos 13 anos já estava agarrada ao cavalo (heroína) da qual só se libertou há sete anos atrás quando concluiu o programa de metadona. Atualmente fuma cannabis só de vez em quando, assegura. Porque precisa de se acalmar. O seu discurso é sereno e conformado, revelando estar numa fase emocionalmente estável. Quando fala da mãe, que morreu em 2000 enchem-se-lhe os olhos de lágrimas. Diz-nos com saudade na expressão que se ela ainda vivesse ela não estaria na rua. A mãe dela no início não se quis dar conta que a filha se drogava pois

já tinha passado as passas do Algarve com o pai. Mas um dia apanhou-a em flagrante. Tentou que ela fizesse um programa de desintoxicação e sempre esteve lá para a incentivar a sair do mundo da toxicod dependência e para lhe dar afeto e apoio. Reconhece que nem sempre tratou bem a mãe, sobretudo nas fases mais agudas da sua vida agarrada. Fala da mãe com muito carinho e trespassam nos seus olhos uma indelével saudade. Tem uma família grande na Covilhã, mas não se sente no direito de os abordar nem de lhes pedir nada.

Viveu 27 anos no bairro do casal ventoso onde traficava e consumia droga. Quando acordava precisava dos 15 euros diários para comprar heroína e sair da ressaca. Após a morte da mãe, acontecimento que lhe sulcou a alma, decidiu sair das drogas. Ficou para trás um longo caminho sofrido com ressacas, doenças, a prisão por duas vezes, os problemas com a polícia. Teve pneumonia, tuberculose e foi internada várias vezes. Uma das vezes quando se encontrou às portas da morte a seguir a perder a mãe, pensou que não podia descer mais baixo e decidiu sair desse mundo que tanto mal lhe fazia. Cortou com os contactos, fez opções e iniciou um programa de metadona do qual saiu há já sete anos atrás e a partir do qual não teve mais recaídas. Olha para nós com firmeza e alegria quando nos diz que tem uma amiga dentista das próteses que lhe vai fazer uns novos dentes e assim talvez consiga arranjar trabalho. A sua degradação física é evidente, mas parece haver dentro dela uma alma nova expectante de uma segunda oportunidade, esperançosa de uma nova vida, de uma aceitação e reinserção na sociedade.

Aaron é de etnia cigana. Tem problemas de álcool e já esteve internado muitas vezes no Júlio de Matos. Mas saiu e não resiste à bebida voltando à mesma vida. Vive na rua, dorme sem paradeiro certo, porque não tem casa e não se sente bem em casa da mãe nem na sua comunidade cigana. Diz que não o aceitam, ainda que recorde com nostalgia nos olhos a vida na comunidade com as festas, a música e as



mulheres. Já foi casado e tem duas filhas. Gostava de se tratar da sua dependência, mas o centro para onde o enviaram em Fátima é muito longe. E encolhe os ombros, resignado.

Aaron é afável e diz querer colaborar na sua recuperação, mas reconhece que se torna violento quando está alcoolizado. Tem um problema de expressão que a terapia da fala resolveria.

Joana é uma rapariga nova com um ar saudável. Traz às costas uma mochila moderna e vem vestida com umas calças e uma camisola de lã branca de gola alta. Nas orelhas uns brincos com pequenas pérolas. Quando lhe perguntámos porque vinha ao balneário respondeu que não tinha água quente em casa, pois deixou de pagar a conta do gás. Como é inverno e está frio, gosta do seu banho quente. Está desempregada há vários meses, vive de alguns trabalhos temporários, mas não dá para pagar as contas. Tem 25 anos e estudou até ao primeiro ano da faculdade, onde entrou para o curso de sociologia que não gostou e abandonou ao fim de um semestre. Recolheu algumas peças de roupa à disposição, escolhendo-as criteriosamente. Não quis conversar mais. Parecia sentir-se constrangida e não insistimos. Mas aceitou que a sua história fosse recontada.

Carlos tem 30 anos. Vem ao balneário porque não tem água quente no centro de recuperação de toxicodependentes onde vive e porque recebe a metadona perto do balneário que frequenta. Está no bom caminho, afirma. Já só toma metade da dose de metadona que tomava e considera este feito um grande progresso. É bem constituído e tem um porte atlético. Jogava futebol numa segunda divisão e, segundo a sua narrativa, tinha namoradas muito bonitas. As drogas duras vieram pela influência de amigos. Segundo ele, fez tudo para poder consumir: roubou, prostituiu-se, vendeu a alma ao diabo, segundo diz. Agora só pensa em se recuperar para arranjar um trabalho e viver com autonomia. Diz que se pusesse o relógio do tempo para trás que nunca teria caído

nas malhas das drogas. Fala muito e mostra uma grande alegria de viver e uma capacidade de comunicação notável. Manifesta muita vontade de se recuperar e de ter uma nova vida. Vem no comboio da linha, mas não paga o bilhete porque não tem dinheiro. De vez em quando tem os seus problemas com os revisores, alguns deles conhecem-no e sabem que ele vem tratar-se com a metadona. Outros deles não são tão compreensivos e exigem um bilhete que ele não tem para apresentar e que não pode comprar. Encolhe os ombros e diz que não há outra forma. E que quando sair disto tudo vai ter uma vida normal. O seu discurso é otimista e parece determinado em criar um novo rumo para a sua vida.

Helena e José. Helena tem 40 anos e é natural de Lisboa e vive com José que tem 36 anos e é oriundo do Alentejo. Ela é faladora e ele quase nem se lhe ouve a voz. Vivem numa casa mas não têm esquentador e frequentam o balneário por isso. Nenhum deles trabalha e ambos estão inscritos no centro de emprego. Ela tinha um trabalho do qual gostava muito e que era a limpeza dos campos de jogos, mas a empresa para a qual trabalhava perdeu o concurso e os funcionários foram todos despedidos. Vive conformada. Ele encolhe os ombros quando se fala do futuro. Ela gostaria de ganhar o euromilhões mas brilham-lhe os olhos quando diz que o que gostava mesmo era ter um trabalho. Há muitos anos trabalhou numa pastelaria e gostava muito.... Mas à hora de almoço tinha que ir tomar a metadona pois estava nesse programa e muitas vezes chegava atrasada e o patrão acabou por mandá-la embora ainda que gostasse dela. A Helena foi toxicodependente durante muitos anos mas há já mais de cinco anos que não toca em nada e seguiu o programa da metadona à risca e até ao fim. Tinha 18 anos quando se começou a drogar. Viveu em união de facto quase 17 anos e tem uma filha de 2 anos que o tribunal entregou à guarda da avó paterna. A mãe dela já morreu e os seus pais separaram-se quando ela ainda era nova. Foi nessa altura que começou a frequentar o balneário. Sobre a filha, fala dela com muita ternura e

fica emocionada embargando-se-lhe a voz e toldando-se o olhar por detrás das lágrimas. Diz, com uma voz pequenina, que prefere que ela esteja com a avó pois assim tem mais condições. Sempre que pode está com a filha e como arruma carros, todo o dinheiro que junta compra coisas para a filha. Sobre o ex-companheiro lembra-se das sovas e da violência. Ele era alcoólico e está neste momento a tentar recuperar-se. Tem confiança no futuro na pose e no olhar. José cala-se e ouve a mulher. Olha-a por vezes. Mas, para ele, a vida não tem chamariz.

Catalin é romeno. É divorciado e tem 43 anos. Veio para Portugal à procura de uma vida melhor em 2001 e, neste momento, já fala português muito bem. Tem um visto de residência temporária. É alcoólico e de vez em quando cai e magoa-se. Aparte esta dependência, parece estar bem de saúde e não se queixa de nada à exceção de uma alergia nas pernas fruto de ter trabalhado com produtos tóxicos, numa estufa, quando chegou a Portugal. Quando falámos com ele tinha a cabeça partida e uns pontos em cima da sobrancelha. Tinham sido os médicos do mundo que o tinham tratado. Recorre a eles sempre e quando precisa. São os seus salvadores. Outras vezes vai ao hospital de São José. Atualmente é um sem abrigo que habita uma obra abandonada ao pé da judiciária em arroyos. Quando chegou a Portugal vinha cheio de ilusões, trazia a irmã e o cunhado. Eles divorciaram-se, o cunhado regressou à Roménia e a irmã foi para Itália e casou com um italiano. Vem ao balneário duas vezes por semana, diz não fazer mal a ninguém e aparenta ser calmo e ponderado. Encolhe os ombros quando se fala de futuro e tolda-se o olhar sem esperança. Não tem trabalho e apenas no verão consegue uns trabalhos temporários nos festivais, mas o dinheiro que recebe não chega para manter um quarto. As suas habilitações são equivalentes ao 9.º ano e fez a escola militar. Diz professar a religião ortodoxa, mas não procurou cá nenhum apoio religioso. Quando perguntamos se gostaria de voltar à sua terra natal diz que não sabe. O tempo o dirá.

Jonas e Josué. São como se fossem irmãos, mas não são irmãos. Conheceram-se na rua mas têm a mesma naturalidade: Luanda.

O sonho de Jonas é ser deputado. Trabalhava no Tivoli e só agora vem ao balneário pois ficou recentemente desempregado, mas vive num quarto, em Palmela, não é um sem-abrigo. Já não se pode dizer o mesmo do mano de coração que vive na rua, arruma carros e tem paradeiro incerto.

Jonas tem 34 anos. Os olhos brilham-lhe quando pensa que poderá vir a estudar mais. Tem o 12º ano mas quer estudar na universidade. Quer vir a ser deputado e ajudar quem está na rua. Para ele a vida é esperança...

O mano encolhe os ombros. Para ele a vida é o presente. Arrumar um carro aqui, ganhar uns trocos ali, para esconder a fome que às vezes tem.

Josué é português de nacionalidade, mas nasceu em Luanda. Tem 40 anos é solteiro e tem o 4.º ano de escolaridade. Acredita em Deus e é católico. Dorme na rua nas arcadas e nos alpendres dos prédios na Almirante Reis. Frequenta o balneário uma vez por semana. Está inscrito no centro de saúde de Loures mas diz ser saudável.

Ambos têm uma alegria de viver que transparece no olhar e na expressão.

Manuela é muito bonita. Tem 42 anos e dirigiu-se ao balneário muito bem vestida e penteada, com um bonito casaco impermeável e uma pregadeira, na lapela do casaco. Está empregada e tem um apartamento com casa de banho. Quando se lhe pergunta porque frequenta o balneário diz que é para poupar pois está num processo de divórcio e grávida de 3 meses. Engravidou para segurar o casamento... Mas nem assim.

O seu discurso é bem articulado, parece fantasiar um pouco... Confabula eventualmente quando refere, determinada, ter quatro licenciaturas e cinco mestrados.



Perguntámos se ia ao hospital e disse que se trata uma vez por semana entre o hospital de São José e o de Santa Maria e que o seu caso médico é tão interessante que os médicos dos dois hospitais o discutem entre si. Não parecia grávida nem tinha qualquer sinal exterior de gravidez. A sua roupa ajustada ao corpo marcava a cintura e tinha um porte muito elegante.

Perguntámos porque ia tanto ao hospital e respondeu com naturalidade: por causa da gravidez.

Joaquim tem 53 anos mas aparenta maior idade. Conta os dias que está na rua... 24, diz ele, desde o dia em que o entrevistámos. Tem muita verborreia e um comportamento bastante agitado. Vive atualmente numas escadas de um prédio em Arroios. Joaquim tem uma filha universitária e não quer que se lhe tire fotografias porque tem vergonha da sua condição.

Vive com a Daisy, uma cadela meiga e que o acompanha para todo o lado. Os desvelos com a Daisy são mais do que muitos e o Joaquim enquanto foi tomar banho no balneário, deitou a Daisy num colchão e cobriu-a com a sua própria camisola, pois estava um dia muito frio. Ela é a única companhia que tenho, conta emocionado. Roubaram-lhe umas ferramentas e 3 litros de leite. Comove-se quando fala disto.... Como se pode roubar um sem abrigo? O leite é para a Daisy, é o que lhe dá ao pequeno almoço.

Luísa tem 34 anos. Há 14 anos que mora numa casa sem água. Separou-se há dois anos e os filhos de 18 e 23 anos foram viver com os respetivos pais. Cortou relações com toda a família e tem um rendimento mensal de 180 euros. Está à espera de ser realojada. Não conseguiu ainda encontrar trabalho. Está muito magra é seropositiva e trata-se com retrovirais. Não tem acompanhamento psicológico, trata-se no Egas Moniz e está no programa de metadona. Estudou até ao 7º ano do Liceu. Há angústia e desesperança no seu olhar.

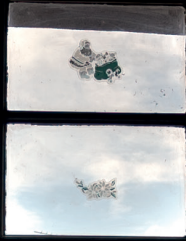
Estevão dorme na rua. Tem 70 anos e fica na gare do oriente, onde dorme sentado pois os polícias não o deixam deitar-se. Nasceu no Alentejo e tem duas casas, uma na Pontinha e outra no Alentejo. A do Alentejo está numa ruína e a da Pontinha tem tanto entulho que não consegue alojar-se nela. Tem 400 euros de reforma. Foi casado e divorciou-se litigiosamente e a ex-mulher ficou-lhe com tudo. Tem uma filha com 44 anos com quem não tem qualquer contacto. Sente muitas saudades dela e gostava de a encontrar. Já perguntou na segurança social e diz que sabem onde ela está mas não lhe dão essa indicação o que o entristece. Parece deprimido ainda que resignado à sua sorte. Trabalhou durante 16 anos num estabelecimento de ensino da Santa Casa. Depois do divórcio foi para um lar mas mandaram-no embora alegando que ele não era bom da cabeça. Sente-se muito triste e sozinho. Vai ao balneário quando calha, para se lavar e mudar de roupa.

Patrícia, André e Gabriel. A Patrícia, o André e o Gabriel são uma família jovem. O pequeno Gabriel tem só quatro anos. Vinham muito arranjados e sorridentes, cada um com a sua mochila às costas. Vêm ao balneário porque compraram casa em Lisboa e como é tudo muito caro estão a fazer as obras com as suas próprias mãos e ainda não têm a casa de banho pronta. Mas tá quase... diz a Patrícia a sorrir. Ela é secretária e ele trabalha como delegado de propaganda médica. O pequeno Gabriel frequenta o jardim escola perto da nova casa que é muito bom.

Laura tem 41 anos e é portuguesa nascida em França. Veio para Portugal com 12 anos onde fez a restante escolaridade. Formou-se em relações internacionais na UNL e trabalhou em várias empresas. Aos 40 anos quis trabalhar por conta própria, a partir de casa. O seu discurso é coerente e num português correto. Diz que não arranjou logo trabalho como free-lancer e começou a ficar com as







rendas em atraso e por isso foi despejada. Tem uma relação muito problemática com a mãe dela, que vive no Funchal e alega que a mãe tem muitos ciúmes dela e que existe uma grande inveja entre mãe e filha pois o pai sempre quis que a Laura estudasse. Diz que já foi à ONU, a Genebra apresentar um tema sobre imigração há uns anos atrás. Os olhos brilham quando refere que tem muitos contactos nacionais e internacionais. Vive atualmente na rua, na freguesia da estrela e nunca sabe onde dorme. Tem um companheiro polaco com 34 anos e vem ao balneário sempre que pode. Gosta de andar limpa e bem arranjada e vê-se que tem gosto em vestir-se. Durante o dia vai para a biblioteca de Algés para ter internet e trabalha a partir de um portátil e de um telemóvel. Recebeu recentemente um convite para trabalhar na we-ssummit. Não tem doenças, vai à refood e tem um pequeno nódulo na tiroide. Não consome nada e gosta mais de estar na rua do que nos albergues. O namorado polaco tem um feitio difícil e trabalha na construção civil, sendo também utente do balneário. Está há dois anos na rua. Antes trabalhava num banco mas foi despedida porque não era capaz de vender produtos a pessoas que estavam em dificuldade. Depois trabalhou em centros de atendimento telefónico e foram acabando os contratos. A mãe sabe que ela vive na rua e não se importa. Isso causa-lhe mágoa e tristeza.

Ana tem 51 anos. Vai ser despejada porque o andar onde está encontra-se num prédio de alojamento local. Vive com o marido e o filho de 14 anos. O marido trabalha mas ganha muito pouquinho. Está muito preocupada porque não sabe onde irá passar o natal. A mãe dela instiga-a a ter muita fé e diz-lhe que Deus a irá ajudar. Essa também é a convicção de Ana. O filho de 14 anos é hiperativo e este ano pela primeira vez está-se a dar muito bem na escola. A Ana está muito contente com isso. Um problema a menos. Tem possibilidades de ficar com a mãe que vive ao pé do balneário mas a casa da mãe é muito pequena e preferira arranjar um espaço para a sua família. Vem

ao balneário porque o gás é caro e precisa de poupar pois tem pouco dinheiro para a família de três pessoas. Está muito limpa e cheirosa e tem gosto em arranjar-se. Trouxe também uma trouxa de roupa para ser lavada à máquina no balneário, pois em casa não pode.

Glória tem 78 anos. Anda pelo seu pé ainda que apoiada numa canadiana porque torceu o pé no elevador do prédio. Já tem poucos dentes mas o seu sorriso rasgado encanta qualquer um. É viúva e vive sozinha porque não quer ir para um lar. As filhas pagavam, mas eu gosto é da minha casinha. Foi professora do 1.º ciclo numa escola em Lisboa e sorri quando se lembra dos seus alunos. Glória vai ao balneário porque tem medo de tomar banho na banheira e cair e como vive sozinha... depois não a encontram logo. Depois do banho, sentou-se connosco num banco e ali ficaria, se pudesse, a conversar o resto da manhã sobre a vida, sobre os modos de hoje em dia, sobre a juventude e sobre o futuro...



**OS BALNEÁRIOS DE LISBOA
VISTOS EM NÚMEROS**

Os Balneários públicos têm na sua maioria origem nos anos 30 do século XX, época em que importava, nas cinturas industriais da cidade de Lisboa e na proximidade de cada bairro, oferecer aos moradores um serviço de banho, quando as habitações não incluíam essa possibilidade.

Estes recursos camarários, vocacionados para a população vulnerável e geridos pelas juntas de freguesia da cidade, sempre despertaram interesse por parte dos média, mantendo-se até hoje balneários que proporcionam uma média de 50 banhos diários. Volvidos quase 100 anos importou então, aos autores do projeto, perceber a tipologia dos utilizadores.

Foi assim realizado o primeiro estudo com o objetivo de caracterizar o perfil sócio demográfico e de saúde dos utilizadores do BPA, que concluiu que o utilizador tipo era: homem (78,6%), solteiro (66,2%), na fase ativa (87,5%), a residir em Alcântara (25,5%) e de nacionalidade portuguesa. As condições sanitárias e económicas, a solidão, bem como o facto de viver sem abrigo (29,7%) pareciam ser os motivos que justificavam então a utilização do BP. Relativamente à caracterização socioeconómica, a maioria dos utilizadores vivia sem qualquer fonte de rendimento (57,2%), em situação de sem abrigo e recorria ao BP (Figueiredo, et al, 2016). Relativamente à situação de saúde, a maioria dos utilizadores não tinha feito vigilância de saúde no último ano (36,6%) e não possuía médico de família (51%). Viviam com morbilidades evidenciando-se a patologia do foro mental (24,8%) (Seabra et al. 2017), cardiovascular (19,3%) e infectocontagioso (15,9 %) (Figueiredo, et al, 2016).

Em 2018 realizou-se um novo estudo, desta vez sobre o diagnóstico da situação de saúde dos utilizadores do BP de Arroios. De acordo com uma análise comparativa dos dois recursos, em ambos os Balneários Públicos o utilizador tipo continuava a ser homem (76,0%), solteiro (52,5%), na fase ativa da vida (90,4%), residente em Arroios e português. Os utilizadores oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa dominavam a segunda nacionalidade (Figueiredo et al, 2018).

As condições sanitárias e económicas, a solidão e o facto de viver em situação de sem-abrigo continuavam a explicar a utilização daqueles balneários. Relativamente à caracterização socioeconómica, a maioria dos utilizadores vivia sem fontes de rendimento (67%), não fazia vigilância de saúde, nem possuía médico de família (33,3%). Apresentavam morbilidades destacando-se a patologia do foro mental e comportamentos aditivos (19%).

Os resultados dos dois diagnósticos sublinharam que estes espaços municipais careciam da implementação de estratégias de intervenção comunitária com vista à promoção e à gestão dos processos de saúde/doença dos seus utilizadores. Neste sentido evidenciou-se a importância de agilizar a rede de recursos de saúde comunitários existentes na tentativa de os rentabilizar (Figueiredo et al, 2018).

Já no ano de 2020, relativamente ao diagnóstico de saúde dos utilizadores dos balneários públicos da Alfama e Mouraria gostaríamos de destacar a pluralidade de nacionalidades e a multiculturalidade dos seus utilizadores.

Conscientes que representamos a academia e que a investigação deve resultar numa mais valia para a pessoa em todas as suas dimensões, instruímos no balneário de Alcântara uma consulta de Enfermagem desde 2015, sendo objetivos desta consulta: contribuir para a promoção de estilos de vida saudáveis; identificar problemas de saúde e encaminhar as pessoas, sempre que necessário, para os recursos do sistema de saúde; identificar fatores de risco psicossocial; identificar

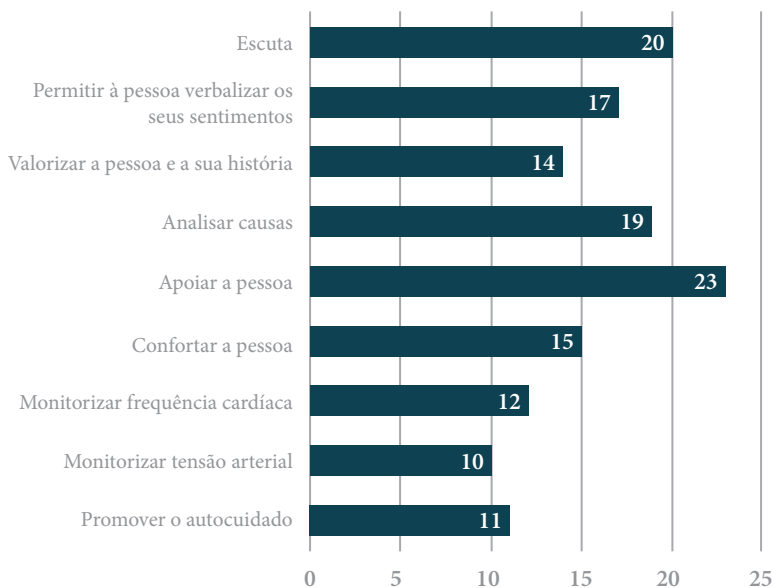
alterações da saúde mental passíveis de intervenção; contribuir para minimizar o sofrimento psíquico; capacitar os utilizadores para gerirem os seus processos de saúde doença.

Reconhecendo a vulnerabilidade humana, a resposta da enfermagem centra-se nos problemas das pessoas, no respeito pela sua individualidade e dignidade e na sua capacitação para melhor poderem gerir o seu processo de saúde e doença.

Sem se sobrepor ao Serviço Nacional de Saúde, esta consulta tem, contudo, agilizado na rede a procura de melhores respostas conducentes a ganhos em saúde de pessoas e famílias vulneráveis.

Avaliando a consulta de enfermagem destacam-se, como principais intervenções de Enfermagem: o “apoiar a pessoa”; a “escuta” e o “analisar causas” (figura 1).

Figura 1 – Distribuição da frequência das intervenções de enfermagem na consulta.



FONTE: SIMÕES F. A., SEABRA P., SARREIRA S. A., VOLLRATH, A., MEDEIROS G. L., VIDAL T., NEVES A. J., «Nursing Consultation in a Public Bathhouse: A Community Resource for the Vulnerable Population in a European Capital». *Issues in Mental Health Nursing*. 2018;40: 28-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01612840.2018.1496209>

As intervenções na consulta de enfermagem e a abordagem mais informal das pessoas que utilizam o balneário foram uma possibilidade de darmos voz a quem não a tem, nem tampouco tem a capacidade para construir narrativas ou para se responsabilizar, sendo neste eco de vozes que os enfermeiros também se vão sentindo mais pessoas (Simões FA. Et al, 2019).

Em 2020 transitámos dos estudos centrados na pessoa para um estudo centrado na família. Estudámos a transição de 13 famílias para a situação de sem-abrigo, onde se evidenciaram os fatores de ordem social (como o desemprego ou a pena suspensa), de ordem pessoal e familiar (como conflitos familiares, perda de autonomia e doença mental).

As expectativas para o futuro expressavam-se na desesperança com a ausência total de expectativas, e na esperança assente em fatores de resiliência. No discurso dos participantes do estudo, ficou claro que as relações familiares em contexto de sem-abrigo reorganizam-se, uma vez que alguns sujeitos reconstituem uma nova família ao partilharem o seu dia a dia com um(a) novo(a) companheiro(a) (Figueiredo et al, 2020).

Ainda no âmbito da família em condição de sem-abrigo preocupamo-nos com inúmeros fenómenos e conceitos como é o caso da vivência da parentalidade naquelas famílias (Andrade et al, 2020).

Com a pandemia à COVID-19 encetamos um rastreio a cerca de 500 pessoas em condição de sem abrigo. O estudo revelou que a taxa de incidência à COVID-19 da população em condição de sem-abrigo é inferior à da restante população (Figueiredo et al, 2023).



NOTAS CONCLUSIVAS

Estes relatos de vida, ainda que parciais e unilateralmente perspectivados, inscrevem-se no perfil populacional (Simões Figueiredo et al. 2019) dos utilizadores dos balneários públicos de Lisboa. Os utentes que aceitaram que contássemos as suas histórias são maioritariamente pessoas vulneráveis, com carências económicas e sociais.

A solidão e a exclusão atravessam muitas destas histórias de vida. Desesperança, conflitos familiares, enganos de vida, imigração ilegal, toxicodependências e alcoolismo, entre outras doenças mentais, levaram muitas destas pessoas a viver na rua, com as estrelas como teto e sem paradeiro certo.

Muitas destas pessoas não têm casa, nem rendimentos, nem lugar onde se possam lavar utilizando o balneário para isso. Outras têm casa, mas, por fragilidade social e económica, precisam de usar o balneário como a Joana, a Ana, a Patrícia e o André. Outras vão ao balneário para um “banho seguro”, como a Glória.

Nestas histórias desenham-se sonhos, muitos deles feitos de confabulação por parte dos utentes que parecem, em alguns casos, precisar de acompanhamento psiquiátrico.

Há também um sabor de esperança plasmada nos discursos ouvidos e recontados e que, provavelmente, funciona como a chama que sustenta estas pessoas pelas agruras da vida na rua e pela solidão que não se grita, mas se ouve, baixinho, nos olhos destas pessoas.

É a voz da Helena que diz que, mais do que ganhar o euro milhões, gostaria de ter um trabalho. E a do Carlos que só pensa em se recuperar (da droga) para arranjar um trabalho e viver com autonomia.

Há um gosto por se sentir limpa, a cheirar bem e um gosto por se arranjar e vestir que atravessam as histórias de Ana e de Laura.

O cuidado de Joaquim com a sua cadelinha “a sua única companhia” emociona apesar da angústia que lhe sentimos na expressão.

A alegria de viver e a esperança no futuro transparece no olhar e na expressão do Jonas e Josué. O olhar esperançoso da Sara parece revelar uma alma nova, expectante de uma segunda oportunidade.

A ternura, a emoção e as lágrimas da Helena falam-nos também da imensa dor por estar privada da filha.

A vergonha de Lahar mostra-nos que se sente fracassado por ter vindo à procura de um mundo melhor e não o ter encontrado, por não ter nada, nem sequer posses para voltar para a Índia.

Há um desconforto expresso por Cristina e Estevão em que a voz treme quando dizem que têm que dormir sentados pois a polícia não os deixa deitarem-se na via pública.

As histórias de vulnerabilidade e de coragem dos utilizadores dos balneários de Lisboa que tivemos o privilégio de recolher dificilmente serão esquecidas sendo este livro uma homenagem a todas estas pessoas que por aqui se cruzaram e outras tantas com as quais nos cruzamos todos os dias, mas que, muitas vezes, não ouvimos nem olhamos. A expressão e o olhar dorido, alegre, angustiado, ternurento, esperançoso ficaram impressas na nossa memória. É muito difícil esquecer alguém que nos olhou apenas nos olhos e nos abriu a porta da sua intimidade sem receio nem pudor.





BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, F. M. R., SIMÕES FIGUEIREDO, A., CAPELAS, M. L., CHAREPE, Z.; DEODATO, S., *Experiences of Homeless Families in Parenthood: A Systematic Review and Synthesis of Qualitative Evidence*. Int. J. Environ. Res. Public Health 2020, 17, 2712. DOI: 10.3390/ijerph17082712
- COMISSÃO EUROPEIA. SOCIAL INVESTMENT PACKAGE – *Confronting Homelessness in the European Union [Commission Staff working document]*. Bruxelas: 2013. [citado 26 de fev. 2020]. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+MOTION+B7-2011-0475+0+DOC+XML+V0//PT>
- FEANTSA, *Homelessness in Portugal*. Feantsa Country Fiche Last Update. Brussels: FEANTSA; 2017.
- FIGUEIREDO A. S., Ferrito C., SANTOS A. S., DEODATO S., SEABRA P., VIDAL T. et al. *Family transition to homelessness: a qualitative approach*. Rev Bras Enferm. 2020;73(5):e20190554. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0554>
- FIGUEIREDO A. S., RESENDE A., RABIAIS I., CALDEIRA S., FERRITO C., *Users of the Public Bathhouse of Alcântara: health profile diagnosis*. Referência. 2016; 9 (serie IV): 107-113. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16001>
- RAMALHO, E. C., LOURENÇO, M. A. (2006). «As Águas de Alfama – memórias da cidade de Lisboa», in: *Revista da APRH*, v. 26
- SEABRA P., GARCIA M., LOURENÇO M., MENDES VIDAL T., SIMÕES F. A., *O Banho Público, A satisfação das Necessidades Básicas em Pessoas com Perturbação Mental*, Cidade Solidária Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. 2017; 38:76-83.
- SILVA REBELO, C. (2013). *Balneários Públicos de Lisboa Expressão de Garantia dos Direitos Sociais?* Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social, ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, Inédita.
- SIMÕES FIGUEIREDO, A., RESENDE, A., FERRITO, C., DEODATO, S., NEVES-AMADO, J., MANSO, D., ALMEIDA, A., FELICIANO, A., ROSA, N., BARROS, M. (2023), *Diagnosis and risk prevention of Covid 19 in homeless people in Lisbon*. BMC Proceedings, 17(9):O19.
- SIMÕES F. A., SEABRA P., SARREIRA S. A., VOLLRATH, A., MEDEIROS G. L., VIDAL T., NEVES A. J., «Nursing Consultation in a Public Bathhouse: A Community Resource for the Vulnerable Population in a European Capital». *Issues in Mental Health Nursing*. 2018;40: 28-32. [citado 26 fev. 2020]. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01612840.2018.1496209>
- SIMÕES F. A., VIDAL T., SARREIRA S. A., MEDEIROS G. L., GARCÍA-PADILLA F., SEABRA P. «Nursing Consultation in Public Showers: What Lies Beyond the Results?» *Issues in Mental Health Nursing*. 2019;40(6):535-536. [citado 26 fev. 2020]. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01612840.2019.1587654>
- SIMÕES FIGUEIREDO, AMÉLIA, TERESA RASQUILHO VIDAL, CÂNDIDA FERRITO, JOÃO NEVES-AMADO, ALEXANDRA SARREIRA-SANTOS, LURDES MEDEIROS-GARCIA, JUAN ROLDÁN-MERINO, and ANTONIA VOLLRATH RAMIREZ (2020), *Community Mental Health Nursing Consultation in a Public Bathhouse: A Spiritual Coping Resource*, Religions 11, no. 11: 618.
- SIMÕES FIGUEIREDO, A., VIDAL, T., SARREIRA-SANTOS, A., MEDEIROS-GARCIA, L., SEABRA, P. (2018), «A saúde dos utilizadores dos balneários públicos de Lisboa: um projeto de extensão universitária para a população vulnerável», in BASTOS, G., SEQUEIRA, R. & FOMBONA, J. (Org.) *Formação e inclusão. Educação de adultos e experiências para a empregabilidade, Atas da Conferência Internacional*, pp. 239-248, Lisboa: Universidade Aberta.



CATOLICA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE E ENFERMAGEM
ESCOLA DE ENFERMAGEM

LISBOA-PORTO



CATOLICA
CIS - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE

LISBOA - PORTO - VISEU

fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



9 789725 409817